

ALONSO ALVAREZ

Meia-noite na biblioteca

TEMPORADA 1



Copyright © Alonso Alvarez

Projeto gráfico Alonso Alvarez

Capa Rafa Antón

Revisão Ana Maria Barbosa

Agradecimentos à Bel Santos Mayer

Projeto realizado com o apoio do Governo do Estado de São Paulo,
por meio da Secretaria de Cultura e Economia Criativa,
Programa de Ação Cultural - Proac 2020

*As situações e os personagens desta obra são ficcionais.
Grafia segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
em vigor no Brasil desde 2009.*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Alvarez, Alonso

Meia-noite na biblioteca : temporada 1 / Alonso Alvarez -- São
Paulo : Ficções Editora, 2021.

ISBN 978-65-87622-09-5

1. Literatura infantojuvenil 2. Literatura juvenil I. Título.

21-81575

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil 028.5

2. Literatura juvenil 028.5

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

2021

Direitos de publicação reservados à

FICÇÕES EDITORA

rua Corrêa Galvão, 57

01547-010 – São Paulo – SP

www.ficcoes.com.br

editora@ficcoes.com.br

“Os cientistas dizem que somos feitos de átomos, mas um
passarinho me contou que somos feitos de histórias.”

Eduardo Galeano



1

Eles eram quatro amigos inseparáveis. Moravam no mesmo bairro, em Parelheiros, extremo sul da cidade de São Paulo e na mesma rua, que terminava onde começava o que ainda restava da mata atlântica. Estudavam na mesma escola e sala. E adoravam a professora de português. Tinham a mesma idade, onze anos, mas cada um com signo diferente.

Cursavam o sexto ano do Ensino Fundamental à tarde. Moravam longe da escola, oito quarteirões com um campinho de futebol e a sorveteria do seu João pelo caminho. Quase sempre não tinham dinheiro para comprar sorvete e cheiravam sofregamente todos aqueles cheiros gostosos quando passavam em frente à máquina, com seus vidros coloridos e abelhas sobrevoando, que ficava na porta de um boteco, com uma mesa e quatro cadeiras na calçada em frente.

Tinha dia que eles se sentavam nas cadeiras, quando ninguém estivesse usando a mesa. Ficavam ali olhando as massas geladas e coloridas escorregarem da máquina para dentro das casquinhas, que, melecadas de sorvete, também eram deliciosas de comer.

Todo final de aula era assim: o sinal tocava às 17h30, e os quatro seguiam juntos de volta para suas casas, conversando de tudo, até da aula de português. Suspiravam quando a professora Malu entrava na sala e quase desmaiavam na carteira durante a chamada: Luís Pereira... Mário Alves... Osmar Silva... Paulo Santos... Sempre era vez de um deles se fingir de distraído para escutá-la chamar novamente o nome.

A professora ficava feliz com a festa que eles faziam durante a chamada. Bastava ela levantar os olhos e soltar um olhar sério, que eles de imediato ficavam quietos e atentos.

Nas provas daquela matéria, todos os quatro tiravam dez, sempre. Para eles, era fácil e prazeroso.

Mário era craque na redação. Seus textos sempre ganhavam nota máxima e eram lidos pela professora para toda a sala.

Luís mandava bem nos verbos, não errava uma conjugação.

Osmar conhecia as palavras como ninguém, muitas que nem mesmo a professora achava que existia, como “esputar”, que era cuspir, mania que o professor de inglês tinha ao dar aula.

Paulo era bom leitor, mas bom demais. Lia em voz alta a ponto de fazer a sala inteira fechar os olhos e viajar nas histórias de Júlio Verne como se estivessem no *Náutilus*, o temido monstro submersível do capitão Nemo, nas profundezas do mar, viajando pelas *Vinte mil léguas submarinas*.

Os quatro meninos gostavam de ler livros. Sempre carregavam um, dois ou até três na mochila. Paulo gostava

de ler vários livros ao mesmo tempo. Mário tinha o talento de reinventar as histórias que lia. Osmar grifava todas as palavras que descobria e era o “dicionário ambulante” dos amigos. Luís gostava de ler livros com histórias contadas na terceira pessoa e vibrava com os narradores de suspense.

Aquele lugar onde moravam, apesar de ser lindo, com muito verde, ao lado de uma grande reserva ambiental, vizinhos de aldeias indígenas guarani, era pobre, quase abandonado pelo governo, carente de muitos serviços essenciais, entre eles uma boa biblioteca na escola.

Num cartaz que alguém colou no poste em frente à sorveteria, eles descobriram sobre a nova biblioteca no bairro. Ela ficava nos fundos do cemitério.

– No cemitério?! Na casa que foi do coveiro?! – espantou-se Luís, fazendo o sinal da cruz.

– Eu não entro lá – disse Mário. – Nem morto!

– Vocês estão com medo, é? – provocou Paulo.

– Não é medo, mas o que uma biblioteca tá fazendo dentro de um cemitério? – desconfiou Osmar, enquanto olhava o seu João fazer um sorvete de morango para uma menina que estudava na mesma escola.

– Para de olhar pra ela, Osmar! Presta atenção na conversa! – pediu Paulo.

– Tava olhando pro sorvete! – defendeu-se Osmar, com água na boca, enquanto a menina ia embora se deliciando com o sorvete.

Luís sorriu ao ver o amigo se derretendo de vontade de tomar um sorvete, enfiou a mão no bolso, achou um real e deu para ele, que saltou feliz da cadeira.

Quando Osmar voltou com o sorvete de morango, ofereceu uma pazinha de madeira para cada um pegar um pouco.

Paulo, então, retomou a conversa:

– Não temos mais livros pra ler. Lemos todos os livros da biblioteca da escola. Em casa, nossos pais não compram livros, nunca tem dinheiro sobrando.

– É! – concordou Mário. – E quando tem, eles querem comprar outra coisa. No aniversário, pedi um livro de presente. Minha mãe achou um absurdo. “Livro?! Pra quê?! Você tá precisando de uma camiseta nova, isso sim!... E se a tua madrinha perguntar o que você quer, nem se atreva de pedir livro; pede um tênis novo, que o teu tá em petição de miséria!” Foi o que eu ganhei.

– Tá! – continuou Paulo. – E eu acho que essa biblioteca no cemitério deve ter muitos livros legais!

– Uma biblioteca no cemitério só pode ter livros mortos – discordou Luís.

Mário arregalou os olhos e abraçou a mochila que estava no seu colo.

– Não é bem assim – quis explicar Paulo. – Muitos livros são de escritores que já morreram, mas alguns se tornaram imortais. Nós já lemos livros de alguns imortais...

– Então essa biblioteca no cemitério tem alma penada de escritor imortal, é? – assustou-se Mário.

– E se tiver? – observou Paulo. – Fantasma de escritor só pode ser gente boa, do bem. Deve estar louco pra encontrar alguém e contar as suas novas histórias...

– Novas?! – assustou-se Luís. – Histórias que o imortal escreveu depois de morrer? No cemitério?

– Escutou o que você disse, Luís? – comentou Osmar, divertindo-se: – “Histórias que o imortal escreveu depois de morrer”.

Todos riram. Luís deu um tapa na testa e disse:

– Se é imortal, não morreu! – E riu.

– Não sei! – Osmar voltou ao assunto, apontando para Paulo. – Outro dia você leu um conto de terror de um tal Poe. E se ele estiver por lá? É assustador... Não dormi à noite de tanto medo que tive daquela história do gato preto.

Mário já estava gostando da ideia:

– Tá! Acho que vai ser legal conhecer essa biblioteca no cemitério. A gente vai antes do anoitecer e, assim, no final dia, ainda claro, nenhum fantasma vai aparecer. Nem o do meu avô, que tá enterrado lá.

Combinaram de conhecer a biblioteca na próxima sexta-feira, logo depois da aula. Osmar os convenceu de que nas sextas o sol demora para ir embora e o dia dura muito mais. Ninguém duvidou dele, pois nunca tinham parado para notar se o sol na sexta demorava mais tempo que nos outros dias da semana. Era um bom dia para conhecer a biblioteca no cemitério, pois todas as sextas eles saíam da escola e corriam para a casa de Mário jogar game, comer pipoca e tomar refrigerante.

2

Na sexta, os quatro amigos saíram correndo da escola e só pararam diante do portão do cemitério, ofegantes e curiosos. Estavam leves, pois carregavam as mochilas

quase vazias para que coubessem muitos livros que iam pegar emprestado na nova biblioteca.

Depois dos três degraus na entrada, com um enorme portão com grades grossas de ferro, uma estreita rua se estendia ao longo do morro, até dar numa pequena capela pintada de azul-celeste, com um crucifixo de madeira pendurado na parede de dentro, cercado de vasos com flores e muitas velas acesas.

Dos dois lados da ruazinha, a perder de vista, túmulos de todos os tipos, com flores frescas, outras murchando, várias de plástico. Retratos antigos das pessoas enterradas. Alguns jazigos estavam manchados de lágrimas que os visitantes deixavam cair de tanto chorar. Um ou outro gato deitado, ou sentado ao lado de cruzeiros, ou sobre lápides contemplando o crepúsculo, ou atentos, incomodados, observando os intrusos. E ainda dava para ver algumas covas abertas, esperando os defuntos, o que fez cada um deles passar longe e bem juntinho um do outro.

– A biblioteca deve ficar depois da capela – apontou Paulo.

Um gato preto saltou de um túmulo e começou a segui-los. Luís se assustou:

– Vejam! Deve ser o gato preto daquele escritor...

Apertaram o passo. O gato não deixou de segui-los. De vez em quando miava, saltava entre os túmulos e voltava correndo para andar ao lado deles.

Eles passaram a capela. Atrás dela, a vista se encheu de mais túmulos. Tiveram que seguir por entre eles, desviando-se das cruzeiros e das lápides. Deram num platô.

Logo avistaram a biblioteca numa casa térrea, com telhado de uma água terminando numa ampla varanda com uma porta e duas janelas abertas. Ao seu redor, um gramado verde e macio, e um jardim que se acendia com os amarelos, laranjas e vermelhos das flores, visitado por borboletas e beija-flores. Ao lado da casa, uma enorme mangueira com um balanço, feito de cordas, pendurado em um dos galhos, que se movia levemente, como se alguém tivesse acabado de saltar dele. Num canto do jardim, uma goiabeira e, embaixo dela, um confortável banco de madeira, com dois livros abertos sobre ele, que o vento agitava suas páginas fazendo o único barulho ali.

Na entrada, acima da porta, numa pequena placa de madeira pendurada, duas palavras pintadas com uma grafia graciosa em várias cores fizeram os quatro amigos sorrir: Biblioteca Comunitária.

Não avistaram ninguém, mas a porta estava aberta e convidativa. Destemido, Paulo foi o primeiro a entrar, soltando a mochila na grama. O gato preto correu atrás dele.

Os outros três ficaram parados no gramado, imóveis, calados, atentos, esperando algum sinal do amigo, que sumiu dentro da biblioteca, como se tivesse sido sugado e devorado por um monstro gigantesco e cruel.

O balanço na mangueira parou de se mexer. Os livros no banco sob a goiabeira se fecharam bruscamente. O vento passou por eles apressado e foi tilintar num mensageiro feito de bambus pendurado na varanda.

Logo que o mensageiro silenciou, chamaram por Paulo.
Nada.

Não sabiam o que fazer. Olharam ao redor e ninguém por perto, apenas os mortos quietos em seus túmulos. Além do muro, lá longe, depois das montanhas, o sol ia indo embora, enrubescendo o céu, deixando aquele lugar ainda mais assustador.

Recuaram alguns passos e tomaram coragem para conversar.

– O Paulo sumiu! – desesperou-se Luís. – Eu sabia que não era uma boa ideia vir numa biblioteca no cemitério.

– Será que ele morreu quando entrou na biblioteca?
– assustou-se Osmar. – De repente ele viu um avejão...

– Avejão?! – assustaram-se Luís e Mário.

– Um espectro, avantesma... A droga de um fantasma!
– explicou Osmar.

– Não é hora para você usar o seu dicionário – disse Luís, apesar de ter gostado de saber daqueles outros jeitos de chamar um fantasma.

– Ele desmaiou de susto! É isso! – arriscou Mário. – Temos que ajudá-lo.

– Nós?! – exclamaram Osmar e Luís ao mesmo tempo.

– Tá escurecendo. Vai ficar pior se demormos mais – observou Mário. – Aí esse lugar vai se encher de fantasmas, ou de avejões e espectros, sei lá! E estaremos perdidos.

Com muito cuidado, olhando para todos os lados, os três caminharam até a porta da biblioteca. Estavam quase perto, já na varanda, quando o gato preto saiu correndo de dentro e foi até eles, esfregando-se em suas pernas. Luís quase

se mijou. Mário prendeu a respiração achando que assim ficaria invisível. Osmar fechou os olhos e fez o sinal da cruz.

O gato soltou um miado alto, estridente, saiu correndo, saltando entre os túmulos. Os três berraram tão alto, que era capaz de acordar o mais surdo dos defuntos no cemitério, e correram para dentro da biblioteca.

Quando chegaram lá, viram Paulo sentado num pufe, cercado de livros, folheando todos que pegava do chão e das estantes. Os olhos vidrados, encantado, como se estivesse indeciso para escolher qual ler primeiro.

Os três suspiraram, aliviados, contentes ao encontrar o amigo são e salvo.

Foi quando perceberam que tinha outra pessoa na mesma sala: uma jovem, alta, bonita, olhos negros e grandes, sorriso aberto no rosto, um turbante colorido na cabeça. Ela segurava uma bandeja com mais livros, como se fossem doces e sucos. E eram saborosos e refrescantes, eles descobriram. Pois cada livro que abriam, eles queriam devorar ali mesmo.

A jovem sorria, sentou-se com eles entre os livros e se apresentou:

– Eu sou a Aline, a bibliotecária. – E quis saber o nome de cada um deles.

Mário, Luís e Osmar tocaram nela algumas vezes para ter certeza de que ela não era um fantasma, uma alma penada. Paulo se divertia com os amigos, e ela também. Ficaram mais tranquilos quando ela disse que um livro, quando está fechado, é uma coisa entre as coisas, mas quando é aberto, encontra o seu leitor, volta a pulsar, viver. Um livro está cheio de vidas. Nunca morre.